

Jorge Silva Melo

FALA DA CRIADA DOS NOAILLES
QUE NO FIM DE CONTAS VAMOS DESCOBRIR
CHAMAR-SE TAMBÉM SÉVERINE NUMA NOITE
DO INVERNO DE 1975 EM HYÈRES

com desenhos de
Pedro Proença



livros cotovia

FALA DA CRIADA DOS NOAILLES
QUE NO FIM DE CONTAS VAMOS
DESCOBRIR CHAMAR-SE TAMBÉM SÉVERINE
NUMA NOITE DO INVERNO DE 1975
EM HYÈRES

Título: Fala da criada dos Noailles
do texto: © Jorge Silva Melo
e Edições Cotovia, Lda., Lisboa, 2007
dos desenhos: © Pedro Proença
e Edições Cotovia, Lda., Lisboa, 2007

ISBN 978-972-795-218-2

Jorge Silva Melo

Fala da criada dos Noailles
que no fim de contas vamos
descobrir chamar-se também Séverine
numa noite do Inverno de 1975
em Hyères

Pequena paródia

com desenhos de
Pedro Proença

Cotovia

Não, não os ia pôr no salão
A jantar
A mesa é tão grande
E no lustre faltam tantas lâmpadas
Que se foram fundindo.

Tinha que as ir comprar.
Mas quem é que sai com este frio
— e o motorista só vem uma vez por mês
para levar o senhor conde ao médico
que nem sequer os médicos agora vêm cá.

Em Hyères estão sempre menos 2 graus do que em
Paris,
aqui a neve ainda se aguenta no chão,
em Fevereiro sobretudo.

Mas este ano ainda não nevou.

Parece que agora, em Paris, a gente nova nunca viu
neve

Nem neve nem galinhas.

Mas no salão um jantar para duas pessoas
achei que o melhor era ser no escritório do senhor
conde

eram dois amigos antigos eu nem me lembro bem
vinha cá tanta gente
tanta gente a jantar e até ficavam a dormir

Diz que é espanhol.

Espero que não seja aquele pequenito e entron-
cado

que me apalpava o rabo sempre que eu o ia servir
e que vinha cá com uma mulher diferente sempre
mesmo que fosse hoje e no dia seguinte e depois de
amanhã

era sempre uma mulher diferente grande rabo
grande peito mais altas que ele sempre
que ele era pequenito e entroncado quase careca
ou rapava o cabelo
era pintor.

E ele a apalpar-me o rabo
que eu uma vez até entornei a sopa em cima da
senhora condessa
vá lá que era verão e a sopa era fria
ficou foi aquele cheiro a alho porro
e a senhora condessa não quis mudar-se, quis jan-
tar assim
que era uma benção com aquele calor
terem-lhe caído no decote três pedras de gelo da
vichyssoise.

Tudo porque o tal espanhol pintor pequenito e
atarracado meio careca
sempre que me apanhava de costas olha apalpava-
-me o rabo
mas sem ninguém reparar
só a senhora condessa
que me perguntava sempre se eu já tinha dormido
com ele
“Não? Vê lá enquanto é tempo.”

E uma mesa pequena hoje aquela do arquitecto
que também fez as cadeiras de alumínio,
que ele tinha oferecido aos senhores condes

a mesa de alumínio meio torta com um plástico em
cima
feita aqui mesmo uma barulheira ele a soldar os
tubos
que não enferrujam lá isso são práticos e até são
leves e tudo
levo essa mesa maluca para o escritório do senhor
conde
e as velas e pronto.

Só espero que não seja o espanhol pequenito e
entroncado
que quando eu fui para a cama com ele
era ele a pedir-me que eu lhe pusesse uns cornos
de sátiro, todo nu e com um pé de bode e uns cor-
nos
e cama-cama, nada,
desenhava, desenhava a noite inteira
eu nua em cima da cama
abre mais as pernas dizia ele agora deita-te de bar-
riga para baixo
mas abre mais as pernas dizia ele, *guapa*
como se eu fosse alguma do cancan
e fizesse a espargata
ele todo nu com uns pés de bode e uns cornos

“vais ficar rica, *guapa*”, dizia ele

Mas fez tantos desenhos, só numa noite —
era uma noite de inverno
— que começam às quatro da tarde e às nove da
manhã ainda é escuro —
só nessa noite fez 356 desenhos,
tantos também ficavam sem valer nada.

Eu nua na cama
Ele todo nu com uns pés de bode
“podes vender isso, *guapa*”
dizia ele e fazia outro desenho.

Mas quem é que queria aquelas coisas assim meio
rabiscadas
E eram tantas que aquilo desvalorizava, claro
Um homem nu com pés de bode e uma mulher
nua deitada numa cama
Só três tracitos, nem sombras, nem curvas, nem
relevo, nem drapeados dos lençóis.

Havia outros que eu gostava mais
Cantores
Passavam a noite a cantar